



A História Oral e o Estudo da Imigração Japonesa no Brasil¹

Minoru Uchigasaki²

RESUMO

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX. Por meio dela tem possibilitado o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história, ampliando as possibilidades de fonte e de interpretação. As entrevistas gravadas de testemunhos de acontecimentos de conjunturas do passado aumentam o leque de possibilidade de conhecimento de um determinado fato histórico e social. Neste artigo proponho realizar um estudo sobre a História oral, discutindo a sua metodologia e levantando as potencialidades e limitações do emprego dela no estudo de imigração japonesa. Há relevância desta metodologia em estudos multidisciplinares, pois a História oral proporciona trabalhar com vários temas e objetos de estudos. Uma das vantagens desta abordagem está na sua interface multidisciplinar que resgata a memória viva. O que é imprescindível na compreensão e reconstrução do processo migratório japonês. Este artigo procura levantar aspectos que envolvem questões teóricas e metodológicas da História oral e sua utilidade para estudo da imigração japonesa.

PALAVRAS-CHAVE: 1. História oral; 2. Método da História oral; 3. Imigração japonesa.

Introdução

Neste artigo se propõe a realizar um estudo sobre a História oral, discutindo a sua metodologia e levantando as potencialidades e limitações do emprego de relatos orais no estudo de imigração japonesa.

Segundo a pesquisadora Verena Alberti “a História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”(ALBERTI, 2011: p.155). A História oral possibilita o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história, ampliando as possibilidades de interpretação. Por meio de entrevistas gravadas de testemunhos de acontecimentos de conjunturas do passado.

Ter acesso às histórias dentro da história está relacionado ao fato da História oral permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador da História oral tem acesso a uma multiplicidade de

¹ Trabalho apresentado no GT-12 (Oralidade e Memórias na Pan-Amazônia) do III Siscultura.

² Mestre em Sociologia pela UFAM e doutorando do Programa de Pós-Graduação de Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: miuchigasaki@gmail.com

histórias dentro da história, que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem até alterar a hierarquia de significações historiográficas.

O trabalho com a “História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação” (*Ibid.*: p. 167). Uma vez que a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência- isto é, de identidade.

Método da História oral

Nesse sentido, como procedimento metodológico, a História oral pode registrar – e, portanto, perpetuar - impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. A História oral pode ser entendida como

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989: p. 52).

Uma das vantagens da História oral é que ela se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas como a Antropologia, a História, a Sociologia. Por se tratar de uma metodologia interdisciplinar, pode ser aplicada na área do estudo de migrações. Uma vez que nesse estudo se faz necessário esse tipo de abordagem já que de alguma forma envolve reconstruir a memória de um grupo social, num lugar geográfico, onde há convivência e choque de culturas.

Além disso, a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas ao estudo da imigração, pois nele, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Vale mostrar aqui a evolução de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea. De acordo com Alberti,

[...] a História oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989: p.4).

Alguns aspectos da vida social de uma época dão a essa época uma cadência, um ritmo de relações entre pessoas e grupos que constituam uma sociedade, um tempo psíquico, um tempo social. Sem o conhecimento desses tempos - só possível através do estudo histórico que não se contente com os textos ou os manuscritos oficiais, guardados nos arquivos, mas os ultrapasse, indo a outras fontes: aos próprios testemunhos vivos, por exemplo, com relação a épocas marcadas pela presença, coisa que é impossível ao homem de hoje captar o que há de mais significativo não só nas épocas que sejam objeto de esforços ou tentativas de reconstituição histórica como nas obras de pensamento e arte produzidas por essas épocas.

Em relação ao uso da oralidade como fonte e suas vantagens descritas por alguns historiadores, o historiador Paul Thompson enfatiza a importância da História oral em seguintes termos:

[...] a História oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: p.17).

Quanto as críticas em relação ao uso de fontes orais, pode ser aquela levantada pelo Alessandro Portelli, a fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época. (Cf. PORTELLI, 1998: p.120)

Outro ponto que este autor adverte é que o pesquisador deve ter muito cuidado ao usar a fonte oral. Deve primeiro submetê-la a uma minuciosa reflexão crítica e metodológica. Também precisa possuir um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem o uso da fonte oral, de forma a explicitar suas posições e opções metodológicas na trajetória de pesquisa, armando-se de suporte teórico referente ao fenômeno estudado. (Ibid: p.121)



Há outras críticas que envolvem a utilização da fonte oral. Críticas quanto à confiabilidade da fonte, pois muitos dizem que os depoimentos orais são fontes subjetivas, relativas à memória individual, às vezes falível ou fantasiosa. Em relação a essa crítica, pode-se utilizar o argumento de Paul Thompson o de que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. Apesar da subjetividade a que a fonte oral está sujeita, em seu livro *A voz do passado* Thompson defendeu o uso da metodologia da História oral, ao afirmar que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” (THOMPSON, 1992: p.136).

É interessante observar que no processo de transformação dos objetos estudados historicamente em sujeitos, é preciso haver cuidado na entrevista e transcrição, de forma a constituir precisão no relato oral. Da mesma forma, deve ser feito no decorrer da pesquisa um paralelo e diálogo entre a documentação escrita já existente e a fonte oral. O importante é que o historiador perceba o que a testemunha quer expressar e quais seus motivos para o que relatou.

Outro problema no emprego da metodologia da História oral é aquela levantada pela Verena Alberti de que ele é dispendioso. “Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. E um projeto de História oral pressupõe realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos”. (ALBERTI, 2011: p.165)

Segundo o historiador francês Philippe Joutard, no decorrer da evolução da História oral pode-se verificar duas tendências ou dois tipos de abordagem. Existe uma História oral política na qual a entrevista serve de complemento a documentos escritos já coligidos e o foco da pesquisa se dá em torno de atores principais e “fatos notáveis”. A outra, que interessa ao presente estudo, é a História oral antropológica voltada para temas que se acham presentes nas diversas experiências nacionais. Os autores desta vertente abordam os assuntos como o mundo do trabalho, os fenômenos migratórios, a problemática dos gêneros, a construção das identidades. (JOUTARD, 1998: pp.44 e 45)



Segundo esse historiador a maioria dos trabalhos de História oral tem um predomínio da segunda tendência, que conferiu a História oral toda a sua dimensão e sua riqueza metodológica. Este historiador francês constata que a História oral antropológica inclusive influenciou de vários modos a primeira tendência, fazendo com que a história política não mais se contentasse em interrogar os atores principais, passando a interessar-se pelos executantes ou mesmo as testemunhas. A história política não é mais unicamente uma história da elite. (*Ibid.*: p.46)

História oral e o estudo de migração

Os fenômenos migratórios é um tema muito trabalhado na pesquisa da historiografia oral. Pode se dizer que a produção brasileira em imigração tem utilizado com frequência o recurso das entrevistas. As entrevistas são um recurso bastante comum nos trabalhos sobre grupos de imigrantes pós década de 1980. Nos estudos sobre as migrações para o Brasil, antes de 1980, o seu uso não era tão intenso, provavelmente porque a reconstrução historiográfica muitas vezes não pôde encontrar os imigrantes mais antigos, pois alguns não se encontram vivos. Outro motivo é que a própria popularização do uso da História oral na academia brasileira se dá a partir do início dos anos 1980, de modo que a produção anterior a esse período tendia a privilegiar outras fontes. (Cf. MAGALHÃES; SANTIAGO: 2015)

Quando se estuda a imigração, é preciso levar em consideração três possibilidades: 1) as imigrações mais antigas, cujos exemplos são as imigrações por levadas, concentradas no século XIX e primeira metade do século XX; 2) as imigrações contemporâneas; e 3) aquela que, no sentido restrito do termo, não constitui imigração, pois se relaciona aos descendentes de imigrantes, muitas vezes de gerações distanciadas dos antepassados da primeira geração. Quanto ao contexto histórico e fontes de pesquisa há diferença entre essas três alternativas. Para ampliar seu alcance no tempo, operando como estudo de “tradição oral”, a História oral depende de grupos familiares com estratégias memoriais nem sempre localizadas pelo historiador. O mais frequente é a pesquisa sobre acontecimentos vivenciados pelos entrevistados, ou seja, a História oral tem sido empregada principalmente para estudar os novos imigrantes e os descendentes.



Há uma necessidade de se fazer distinção entre estes e os imigrantes mais antigos, pesquisados com fontes documentais, seriais ou não. (Cf. WEBER, 2013)

Nos estudos migratórios comportam uma variedade de fontes e registros, tais como os trabalhos etnográficos ou as estatísticas produzidas por órgãos oficiais, muito empregados nesses estudos. Mas recorrer aos relatos orais tem suas vantagens em relação a outras fontes. Uma vez que ela favoreceria a captação das dinâmicas da construção e da interação identitária; desvelaria a “vida social” das histórias e o cotidiano da experiência migrante; propiciaria a compreensão das razões subjetivas do trânsito entre espaços e permitiria a produção de informações sobre fenômenos que, quando muito recentes, não geram registros de outra natureza.

O sociólogo Michael Pollak considera que a memória, como fato coletivo, reforça “sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc”. A utilização da memória como recurso para contar história faz-se necessária para a sobrevivência do grupo e para seu avanço, embora seja também instrumento de poder e de dominação da tradição. A memória construída sofre influência do grupo a que pertence e ao rememorar, dificilmente a pessoa separa suas experiências de seu meio social. (POLLAK, 1989: p.9).

A realização da entrevista com o imigrante pode ser instigante para o pesquisador, imaginando que o indivíduo possa responder as questões levantadas. Ou, pelo contrário abrir para maiores questionamentos. Por meio da entrevista é possível descobrir os motivos que levaram o indivíduo a migrar, o que o mesmo trouxe consigo, como foi o período de adaptação, os meios de sociabilidade no novo território, os laços de parentesco, o contato com os parentes que ficaram na terra natal, entre outros.

Fonte oral sobre a Imigração japonesa

Segundo estudo de Magalhães e Santhiago, há duas tendências de uso de fonte oral nos estudos migratórios: no primeiro caso, elas estão atreladas a métodos e técnicas assumidamente de História oral e vinculadas a procedimentos metodológicos específicos, definidos por autores da área (a exemplo dos manuais de História oral de



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Alberti, ou de Meihy ou de Queiroz). Em uma segunda tendência, elas têm sido usadas como técnica, mas sem estarem associadas claramente às perspectivas da História oral ou a outras discussões metodológicas em profundidade. A elas são atribuídos nomes de técnicas menos comuns à História oral, como, por exemplo, a “entrevista semiestruturada” ou a “entrevista em grupo”.

No caso da imigração japonesa, a atuação relevante de pesquisadores da História oral pode ser entendida como uma das evidências de que este é um tema recorrente no universo da oralidade. Os trabalhos de Ismênia Lima Martins e de Zeila Demartini, profissionais pioneiras na utilização e na divulgação dos métodos biográficos, são exemplos disso. Em ambos os casos (como nos demais) as pesquisas demonstram conexão com preceitos metodológicos institucionais ou com práticas consolidadas em trabalhos anteriores.

Zeila Demartini fez um estudo sobre a imigração japonesa utilizando o método da História oral e advertiu que é preciso levantar a especificidade deste grupo, um trabalho que pode representar desafios aos pesquisadores. Essa pesquisadora adverte da necessidade de enfrentar algumas dificuldades na realização das entrevistas diferentes das enfrentadas pelos outros estudos como os grupos. Assim, pode se perceber diferentes tipos de resistências à concessão da própria entrevista. Por ter passado por dificuldades, lembrar o passado pode implicar para muitos deles em ter presente os difíceis momentos vividos, criando consciente (ou inconscientemente) resistências à realização das entrevistas. Uma das estratégias que Demartini utilizou, e que efetivamente pôde quebrar a “desconfiança” e conseguiu estabelecer as conversas, foi a apresentação às pessoas dos trabalhos elaborados e a história das instituições de pesquisa envolvidas, mostrando que o trabalho era confiável, isto é, que não havia risco em falar. (DEMARTINI, 2004: p.150)

Nesse caso, o relato oral é coletado em um processo de interação entrevistado/entrevistador em que este se coloca em posição de escuta atenta, cuidadosa, paciente, de modo a estabelecer a cumplicidade necessária para que o entrevistado se coloque em situação de querer falar. O pesquisador precisa aprender a escutar para poder encontrar o momento certo de colocar as questões que lhe interessa investigar.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Outros elementos também podem se fazer sentir. Embora residindo no Brasil há muitos anos ou aqui tendo nascido, estes imigrantes têm a cultura japonesa muito presente, manifestando se fortemente neste processo de entrevista: os japoneses, como fruto de um traço de sua cultura de origem, com algumas exceções, não gostam de falar sobre suas próprias vidas, sobre seus projetos, suas frustrações, suas ideias; cabe aos outros perceberem seus problemas e ajudá-los, mesmo quando as situações são as mais difíceis. “Demandar deles, especialmente dos mais velhos, que se “abram”, falando de suas vidas, é trabalho difícil, pois implica, para eles, num reposicionamento com relação à sua maneira de ser e pensar ou repensar sobre si e seu grupo”. (Ibid: p.150)

Outro aspecto também frequente entre os japoneses, e usado por muitos deles como “desculpa” para não serem entrevistados, era a alegação de que não sabiam falar o português direito; este ponto aparece também durante as entrevistas, manifestando-se muitos deles envergonhados pela maneira como falavam. Nesse processo de construção das histórias de vida entre entrevistados/entrevistadores não pertencentes às mesmas etnias, é possível verificar que houve dificuldades.

Alguns pesquisadores, muitas vezes por não vivenciarem os códigos culturais de cada grupo, não têm medo de tocar nos espaços e temas tabus, conflitos, privacidade. Enquanto pesquisadores, desde que aceitos pelo grupo, podem conseguir bons resultados porque se apresentam como mais curiosos e com menor autocensura ao formular questões, apresentando ângulos novos para discutir velhas questões. Desta forma, é permitido a eles também acrescentar novas variáveis para a história do grupo, história que só o olhar comum não tinha conseguido dar conta muitas vezes.

Para refletir sobre estas questões é necessário também levar em conta as transformações ocorridas com relação ao Japão, no contexto internacional, e com o Brasil, implicando em mudanças significativas nas vivências das famílias entrevistadas ao longo do século, evidenciando diferentes trajetórias familiares e diferentes estratégias desenvolvidas, isto é, reorientações de seus projetos e práticas no complexo campo de possibilidades.

Uma das coisas interessantes das pesquisas da história oral sobre imigrantes japoneses são as conclusões que parecem indicar uma aproximação ao realismo da



diversidade social. Eles permitem ampliar a visão inicial de uma colônia japonesa homogênea contrapondo com os dilemas e conflitos do grupo, que levam muitas vezes à sua extrema fragmentação, desconstruindo a imagem padronizadora sobre o imigrante japonês. Tais relatos evidenciam não só que a maneira como viveram os acontecimentos que atingiram o grupo nos períodos indicados foi variada, conforme a maneira como cada um estava inserido no contexto e as relações já estabelecidas com a sociedade local,

Considerações finais

Phillipe Joutard escreveu que “as migrações modernas dificilmente poderiam ser estudadas hoje em dia sem os relatos de primeira mão dos migrantes”(Ibid, p.46). Um apelo fundamental e permanente dos profissionais que trabalham com a História oral da migração tem sido que a própria história do migrante seja registrada ou bem documentada, e que a evidência oral proporcione um registro essencial da história oculta da migração.

Os profissionais que trabalham com História oral têm “esculpido uma teoria a partir de histórias e experiências pessoais complexas”(THOMSON, 2002, p.345), desafiando teorias monocausais, lineares e econômicas, e reformulando as maneiras pelas quais a migração é entendida.

Por exemplo, as narrativas dos migrantes evocam os “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados. Os judeus etíopes que sofreram um difícil processo de migração para Israel foram motivados e sustentados por uma tradição oral que preservava sua identidade judaica e um “mito do retorno”

Com base em tudo que foi exposto sobre a abordagem da História oral e a sua utilidade no entendimento dos processos migratórios, está longe de chegar a uma conclusão fechada sobre esta temática. Contudo cabe mostrar a relevância desta metodologia em estudos multidisciplinares, pois a História oral se proporciona vários temas e objetos de estudos, assim como pode se utilizar de outras fontes documentais, imagéticas, que dão sustentação às pesquisas de imigração.



Em especial nos estudos migratórios, a História oral proporciona ao pesquisador um contato direto com a fonte “o narrador” que de seu modo busca contar a sua trajetória, abarcadas de histórias, memórias e representações. Lembrando dos cuidados que se deve tomar quando se trabalha com a memória seja ela individual ou coletiva, mas quase sempre selecionada, ou seja, o narrador só irá contar o que o mesmo acha que é interessante. As experiências e práticas decorrentes da migração vão se desenrolar nas trajetórias de vida narradas, na reconstrução das representações simbólicas ligadas ao local de origem e percebidas nas falas.

Neste sentido, o breve texto procurou chamar a atenção de alguns pontos que envolvem questões teóricas e metodológicas da História oral e sua utilidade para estudos migratórios. Uma última consideração seria que a História tem como principal característica a “imortalidade do orador”, pois o historiador é quem tem espaço livre para narrar o passado.

O estudo da História oral deve ser considerado entre os cientistas sociais exemplo de quanto podem ser valiosas para as ciências sociais - as técnicas de entrevista oral dos japoneses podem ir às vezes ser reveladores de fatos, extremos do realismo, difíceis de obterem por meio de documentos. Apenas pode se concordar com a professora Vereda Alberti e seus colaboradores de que documentos dessa espécie não devem constituir objeto de um método único de análise: só juntamente com outras análises - só em estudo inter-relacionista - é que a análise deles pode adquirir plenitude de valor científico.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. História dentro da História. In: **Fontes históricas**: Carla Bassanezi Pinsky, (Org.). 3^oed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

DEMARTINE, Dossiê Questões Metodológicas. Revista **História Oral**, vol.7, Associação Brasileira de História Oral, 2014.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MAGALHÃES, V. B.; SANTHIAGO, R. Japoneses, brasileiros e judeus: a História oral nos estudos de imigração no Brasil. **Tempos Históricos** • Volume 19 • 1º Semestre de 2015.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. **Brasil e História.**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História oral**. Associação Brasileira de História oral. v. 16, n. 1, 2013.